

O IMPACTO DO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA FONOGRAFICA NA EVOLUÇÃO DO ROCK NACIONAL

PHONOGRAPHIC INDUSTRY'S DEVELOPMENT IMPACT ON THE NATIONAL ROCK

EVOLUTION EL IMPACTO DEL DESARROLLO DE LA INDUSTRIA FONOGRAFICA EN LA EVOLUCIÓN DEL ROCK NACIONAL

Álvaro Cunha Monteiro de Souza¹
Florinda Cerdeira Pimentel²

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o impacto musical do desenvolvimento da indústria fonográfica sobre o *rock 'n' roll* nacional, desde o início dos anos 70 até hoje, fazendo uma breve reflexão sobre as principais mudanças, através de uma pesquisa bibliográfica fundamentada em estudos prévios sobre o tema, além de análises de álbuns de artistas do *rock* nacional. O leitor perceberá que o desenvolvimento da indústria fonográfica alterou a maneira de produzir *rock 'n' roll* no país, bem como a forma de acesso do ouvinte ao material sonoro.

Palavras-chave: *rock 'n' roll* nacional; indústria fonográfica; LP; mídias digitais.

Abstract

This article objective is to analyze the musical impact of phonographic industry development over national *rock 'n' roll*, from early 1970s until today, making a brief reflection about the main changes, through a bibliographic research based on previous studies on the subject, besides albums analysis of Brazilian rock artists. The reader will notice that music industry development changes the way *rock 'n' roll* is produced in the country, as well as the listener's access to the phonographic material.

Keywords: national *rock 'n' roll*; phonographic industry; LP; digital media.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar el impacto musical del desarrollo de la industria fonográfica en el *rock 'n' roll* nacional, desde el inicio de los años 70 hasta hoy, haciendo una breve reflexión sobre los principales cambios, por medio de una investigación bibliográfica basada en estudios previos sobre el tema, además del análisis de algunos álbumes de artistas del *rock* nacional. El lector percibirá que el desarrollo de la industria fonográfica cambió la forma de hacer *rock 'n' roll* en el país y el modo de acceso del oyente al material sonoro.

Palabras-clave: *rock 'n' roll* nacional; industria fonográfica; LP; medios digitales.

1 Introdução

A evolução da indústria fonográfica se mistura com a evolução da música como um todo, da criação do LP às mídias digitais, da criação dos sintetizadores aos *plugins* que mudaram o modo de gravação e, conseqüentemente, a sonoridade de diversas bandas de *rock* brasileiras.

O *rock* no Brasil teve seu marco inicial em 1957, quando Cauby Peixoto gravou a faixa “*Rock and Roll* em Copacabana”, abrindo as portas para outros artistas, inspirados no estilo

¹ Acadêmico no Curso de Licenciatura em Música no Centro Universitário Internacional Uninter.

² Docente no Centro Universitário Internacional Uninter.

introduzido por Cauby, que implementava o uso de metais e a levada clássica do *rock* americano dos anos 50, com grande inspiração em Elvis Presley (DAPIEVE, 1995, p. 11).

Esse artigo tem como objetivo analisar o impacto gerado no *rock* nacional pelos avanços da indústria fonográfica, analisando e compreendendo as mudanças geradas por essas novas tecnologias e seu impacto nas bandas do cenário atual. Pretende-se realizar uma breve análise, partindo dos anos de 1960, onde os grandes expoentes do *rock* nacional surgiram, até os dias de hoje, em 2022, onde o *rock* nacional tem sentido as mudanças da indústria fonográfica devido às novas formas de gravação e distribuição musical. Em breve reflexão sobre o período acima citado, haverá um recorte com ênfase nos anos de 1980, onde se produziu a invasão das bandas de *rock* de Brasília, um grande marco para o *rock* nacional, até os anos de 1990, período em que vários artistas lançaram mão de novas tecnologias que contribuíram para sua ascensão.

2 Metodologia

Para que o objetivo do estudo seja alcançado, pretende-se realizar uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e exploratória, para, de acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 183), analisar “contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado”. Para caracterizar a pesquisa exploratória, pretende-se realizar uma busca em fontes escritas de textos científicos, além de capas de discos e outros materiais pertinentes ao assunto. Piovesan e Temporini (1995, p. 321) apontam que “a pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere”.

2.1 Os primeiros passos do rock brasileiro — uma revisão bibliográfica

O Brasil ocupa um lugar especial no panorama da história da indústria fonográfica, passando pelos mesmos fenômenos e mais ou menos alinhado com a Europa e Estados Unidos. Em alguns momentos, chega a ser o país pioneiro da inovação.

Para começarmos a entender a indústria fonográfica da década de 1960, período em que os primeiros expoentes do *rock* nacional surgiram e ganharam notoriedade, precisamos compreender o contexto nacional da época. Ao final da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos estavam no auge de sua ascensão mundial, com o *jazz*, *blues*, *soul* e os expoentes do *rock'n'roll*; no Brasil esses gêneros foram chegando lentamente conforme as novidades musicais vinham para as rádios, que ganhavam cada vez mais força com a popularização do veículo. Junto com a invasão de gêneros estrangeiros, veio também a criação de novos gêneros,

inspirados nos já citados, como o *jazz* brasileiro, o samba-canção, e a bossa nova.

O LP ou disco de vinil, criado em 1948, era o meio de divulgação de música na época, com a incrível capacidade de reproduzir 20 minutos por lado; foi um marco na indústria fonográfica, pois tinha uma capacidade elevada e uma qualidade nunca antes vista. As gravações eram feitas em rolos gigantes de fita e o produtor recortava e colava as pistas moldando o som como desejasse. Porém, o lado ruim desse equipamento é que as fitas se desgastavam a cada *take* gravado e apagado, tornando a gravação cara e trabalhosa (VICENTE, 2012, p. 197).

Nos anos de 1960, todo aparato tecnológico chegava com algum atraso ao país, trazido principalmente por artistas que viajavam para o exterior e se interessavam por alguma novidade em matéria de equipamento. Ainda hoje nosso atraso é considerável respeito aos lançamentos de novas tecnologias musicais no exterior.

Vendo essa necessidade e o alto custo de importação de equipamentos, algumas empresas brasileiras viram na necessidade dos músicos uma excelente oportunidade para desenvolver equipamentos de qualidade e conquistar espaço no mercado crescente. A Giannini foi uma das pioneiras nesse sentido; fabricante de violões de longa data no Brasil, viu a necessidade de um amplificador valvulado acessível aos músicos brasileiros e, na década de 1960, desenvolveu o aclamado Tremendão. Ainda hoje a fábrica recebe pedidos para relançar esse clássico dos anos 60. Inspirado nos Fender da década de 1950 e 1960, era diferente de tudo o que existia no Brasil e ainda hoje é utilizado por artistas renomados (OLIVEIRA, 2013, p. 68).

A história do *rock* nacional, tal como conhecemos, começa em 1963, com a formação da Jovem Guarda, integrada por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, que fizeram sucesso nacional instantaneamente, com grandes composições e vendendo milhões de discos por todo o país.

Foi nesse contexto que o *rock* chegou ao Brasil, um país com cerca de 60% de sua população vivendo na zona rural, dotado de uma indústria cultural ainda incipiente e desprovido de uma sociedade de consumo e de uma cultura de massa nos padrões clássicos. Mesmo assim, parece que o novo gênero musical, bem como o estilo de vida a ele associado, encontraram por aqui um terreno fértil para se expandir (ZAN, 2013, p. 4).

Outro grande avanço foi o lançamento das fitas cassete ou K7 em 1963; tinham menor qualidade sonora que o LP, mas a vantagem de poder ser regravadas; era um meio barato e rápido de se veicular música.

A grande capacidade de armazenamento, tanto do LP quanto da fita cassete, fez com

que as bandas começassem a escrever mais músicas por álbum, e também mais longas. Antes, os compositores se limitavam a 5 ou 6 músicas, agora poderiam ser gravadas 10 ou 12, respeitando o tempo limite das mídias.

O rádio era o principal meio de lançamento de discos, a televisão ainda não era tão forte como veio a se tornar no decorrer das décadas de 70 e 80; então, uma boa música era aquela que ficava em 1º lugar nas paradas das rádios. Os artistas saíam em turnê pelo país e algumas vezes para o exterior, podendo fazer mais de um show por dia.

Com a popularização dos programas de auditório nos anos 60 e 70, os artistas começaram a migrar seus lançamentos para a televisão, onde tiveram tanto êxito quanto no rádio, visto que os programas de entretenimento estavam ganhando espaço nas casas brasileiras.

Grandes bandas surgiram na década de 1960 além da já citada Jovem Guarda, como Os Mutantes, Novos Baianos, Raulzito e os Panteras, que revelou outro ícone do rock nacional, Raul Seixas, que influenciou e ainda influencia gerações de novos músicos com suas letras fortes e marcantes.

Chegando os anos de 1970, a indústria fonográfica mundial estava aquecida com as inovações sonoras propostas por bandas como Queen, Led Zeppelin, Black Sabbath e Genesis, que mudaram completamente o rumo que a música tomava naquela época, trazendo inovações como uso de sintetizadores e mesclando amplificadores de marcas diferentes em suas músicas, como os conhecidos Marshall Plexi e os Fender Bassman.

Nos anos 1970 também aconteceu a popularização dos pedais de efeitos analógicos compactos; até então os efeitos como reverb, distorção, delay se limitavam aos grandes racks de estúdios, que eram caros, pesados e de difícil locomoção. Com a chegada dos pedais de marcas hoje consagradas como Boss (a pioneira dos efeitos de guitarra), MXR, Dunlop, Electro-Harmonix, entre outras tantas, obtiveram-se os efeitos de estúdio em um pequeno pedal portátil e barato, onde se criavam inúmeras possibilidades sonoras, combinações e timbres únicos que foram imortalizados.

Combinando a sonoridade gringa dos pedais e os instrumentos nacionais que vinham em uma crescente popularização devido aos investimentos das marcas, os músicos brasileiros começaram a definir um som distinto em cada novo disco, experimentando e moldando o *rock* nacional.

No Brasil dos anos 1970, as bandas que surgiam sofriam censura do regime militar, tendo muitas de suas letras censuradas ou completamente removidas dos veículos de comunicação; nesse contexto nasceram grandes bandas como Os Paralamas do Sucesso, Secos & Molhados, 14 Bis, Aborto Elétrico.

A indústria evoluía sem parar e em ritmo acelerado, trazendo inovações a cada novo lançamento; aparato técnico, instrumentos e até o conhecimento por parte do produtor melhoravam a cada lançamento, fazendo com que cada produção soasse melhor que a anterior.

Nesse período grandes concertos era produzidos no Brasil, seguindo a febre de Woodstock de 1969, onde grandes produtores e empresários viram um mercado que não parava de crescer e seria uma fonte de renda altíssima. Começaram a se produzir assim, festivais de música, onde as emissoras de TV como Globo e Record — que era grandes veículos da época —, organizavam e convidavam bandas consagradas e novas para se apresentar e divulgar seus trabalhos em rede nacional, fazendo com que surgissem vários nomes que ainda hoje estão na ativa graças a essas oportunidades.

A presença estrangeira no país se fez tão grande ao ponto de a própria Associação Brasileira dos Produtores de Discos (ABPD) afirmar na ocasião que havia no país uma “proporção ilegal de lançamentos estrangeiros”: 53% em abril de 1979. De 1967 a 1980, as vendas de discos cresceram 385% e as vendas de toca discos 813% (GÓIS, 2012, p. 23).

2.2 Da era de ouro do *rock* nacional aos dias atuais

Os anos 1980 foram excepcionais para a música brasileira, especialmente para o *rock*, trazendo inovações tecnológicas e musicais para o país.

É claro que o *rock* brasileiro não nasceu nos anos 80, mas sim a inauguração do Circo Voador, a realização do 1º Festival Punk de São Paulo, o surgimento de rádios voltadas para o público roqueiro como a Rádio Fluminense (RIBEIRO, 2009).

Os anos 1980 foram o auge do movimento do *rock* mundial, a *New Wave Of British Heavy Metal* tinha estourado no Reino Unido, trazendo ao mundo várias bandas de sucesso e com uma sonoridade nunca antes vista, como Def Leppard, Venon, Motorhead e seu maior representante, o Iron Maiden, que mudou o mundo da música com álbuns clássicos como *The Number of the Beast*, *Piece of Mind* e *Powerslave*, que foram um divisor de águas para a música em geral.

No Brasil, os anos 1980 foram considerados a Era de Ouro do *rock* nacional, época em que alguns dos maiores nomes do gênero surgiram: Barão Vermelho, Capital Inicial, RPM, Ultraje a Rigor, e a que foi considerada uma das maiores bandas nacionais de todos os tempos, Legião Urbana, que trazia uma sonoridade diferente das conhecidas, com letras contendo críticas ao governo, entre outros assuntos. A proposta dessa geração era fazer uma música com linguagem coloquial, relacionada com o cotidiano das ruas e sem grandes elaborações musicais

(BUSCACIO, 2013).

A indústria fonográfica vivia uma fase extremamente criativa e de grande retorno financeiro; discos eram vendidos aos milhões, diversos shows eram marcados e lotados por todo o país. Foi um período em que as tecnologias vinham com mais frequência, ainda que o valor fosse alto. Músicos nacionais e produtores começaram a migrar para os Estados Unidos em busca de novas tecnologias, novos contratos e, conseqüentemente, de novas oportunidades.

Se a ‘canção dos anos de chumbo’ foi, marcadamente, uma canção que sublimou a experiência do medo e do silêncio diante de um autoritarismo triunfante na política, a ‘canção da abertura’ será marcada pela tensão entre o imperativo conscientizante da esquerda e a expressão de novos desejos e atitudes dos setores mais jovens da classe média. A ansiedade coletiva por uma nova era de liberdade que, todavia, não havia chegado, transformando-se em iminência, experiência limite entre dois impulsos nem sempre conciliáveis na tradição crítica: o ético político e o erótico. A era da violência extrema já tinha passado, mas a da liberdade ainda não havia começado (NAPOLITANO, 2010).

Um dos momentos notáveis da indústria fonográfica foi a criação e comercialização do *Compact Disc*, ou simplesmente CD, criado em 1979, porém comercializado só a partir de 1982, ganhando aos poucos as prateleiras das lojas. Como toda nova tecnologia, era caro ter um aparelho que tocasse os CDs, então, no Brasil, ainda levaria um tempo até a popularização e migração dos LPs e cassetes para os CDs.

As bandas começaram a crescer de acordo com as tendências da época, programas de auditório que nos anos 1970 davam seus primeiros passos, nos anos 1980 tomaram conta da grade dos canais. Viva a Noite, Perdidos na Noite, Programa do Chacrinha, são alguns dos muitos que revelaram diversos artistas nos anos 1980 assim como já acontecia na década anterior, porém com muito mais força.

A recuperação do tema da identidade nacional, no plano da letra, por sua vez, confere ao *rock* brasileiro da década de oitenta o caráter de protesto que era critério de qualidade nas gerações anteriores (BARREIROS, 2006, p. 8).

Novas formas de mídia representavam novas formas de lucro, então as gravadoras como Continental, Som Livre, Copacabana, revelaram inúmeros artistas ao mundo. A Som Livre, em particular, foi responsável por assinar álbuns de ícones, imortalizados na música brasileira como Elis Regina, Cazuza e Rita Lee, que foram grandes nomes nos anos 1980, levando ao público músicas com letras nunca antes vistas devido à censura do regime militar, extinto em 1985.

O ano de 1985 foi de grande importância para o *rock* no Brasil, ano em que Roberto

Medina criou um festival que mesclaria a música nacional e traria os grandes nomes do *rock* mundial. Nascia em 1985 o que foi considerado o maior festival de *rock* de todos os tempos, o *Rock in Rio*.

O *Rock in Rio* de 1985 foi um evento inovador na história; trouxe ao Brasil pela primeira vez alguns novos nomes da música e colocou o Brasil no radar de bandas como Scorpions, ACDC, Queen, Iron Maiden, junto aos nomes de peso do *rock* nacional como Paralamas do Sucesso, Ney Matogrosso, Erasmo Carlos, Barão Vermelho, entre outros que fizeram a Cidade do *Rock* tremer com todo aquele evento.

As capas dos discos também diziam muito sobre as bandas e o momento político e social da sociedade da época. O disco Cabeça Dinossauro dos Titãs é considerado o mais *punk* da banda, trazendo uma proposta diferente e radical, visto que dois integrantes da banda haviam sido presos. Com a capa trazendo uma pintura de Leonardo da Vinci, diferente dos outros discos da banda e de praticamente todas as capas da época, a banda achava que seria um fracasso de vendas, o que se provou errado com o tempo.

Poucas pessoas sabem a dimensão de produzir o primeiro *Rock in Rio*. O melhor em equipamento de som, vídeo, luz foi trazido dos Estados Unidos por Medina, e foi tão impressionante que nenhum técnico de som brasileiro sabia como operar tal equipamento, tamanha a sua complexidade e tecnologia para a época. Mesas de som digitais e painéis com iluminação de ponta para nós hoje são coisas cotidianas e simples, mas em 1985, no Brasil da época, era um marco e uma coisa de outro mundo. Sendo assim, foram contratados produtores e operadores americanos para ensinar os operadores brasileiros a manusear todo o aparato técnico do *Rock in Rio*. Mesmo assim, ainda vemos nos primeiros dias do festival algumas falhas técnicas, resultado da falta de experiência dos operadores com os equipamentos.

Outro marco que o festival trouxe foi justamente a necessidade de atualização da indústria musical nacional, depois do *Rock in Rio*. Diversos produtores e artistas foram para o exterior a fim de conhecer e aprender a manusear os equipamentos que eram lançamentos e topo de linha; trouxeram muitos exemplares aos estúdios nacionais, abrindo novas possibilidades aos artistas locais.

Se determinadas bandas — lembrando que muitas fracassaram —, dos anos 1980 obtiveram todo o êxito possível, não foi porque a indústria cultural possuísse a “fórmula do sucesso” e a do lucro certo, uma vez que os mais respeitados produtores de *rock* atualmente (Pena Schmidt, Mayrton Bahia e Liminha, o ex-baixista dos Mutantes) simplesmente não sabiam como produzir bandas de *rock* brasileiras; não existia um conhecimento sólido acumulado dentro das *majors* sobre as técnicas de gravação, sonoridades e como trabalhar em

um estúdio com bandas (MAGI, 2008).

Entre o final dos anos 1980 e o início dos anos 1990, os CDs se popularizaram de forma rápida e constante, fazendo com que as gravadoras colocassem mais essa opção de mídia junto aos LPs e cassetes, o que fez com que o número de vendas subisse ainda mais, visto que os CDs conseguem armazenar mais conteúdo e custam menos para ser produzidos (SALDANHA, 2006).

O fortalecimento do circuito alternativo e a constante relação dos grupos de *rock* brasileiro com esse circuito criaram uma situação interessante para o gênero na indústria fonográfica brasileira, que pode ser interpretada, em boa medida, como a preparação para as transformações causadas pela adoção das tecnologias digitais e da distribuição pela internet (FRAGA, 2007, p. 7).

3 Considerações finais

A indústria fonográfica e o rock nacional cresceram em paralelo aos altos e baixos do país; mesmo em meio às diversas crises políticas e debates sobre ideologias e conflitos pessoais por parte dos músicos, ela foi se desenvolvendo gradativamente e se popularizando com a crescente demanda dos ouvintes.

Grandes bandas surgiram nos períodos posteriores e grandes bandas também acabaram na mesma proporção; o ponto a ser debatido é que o rock nacional viveu seus momentos mais fecundos nos anos 1980 e começo dos anos 1990, mas é indiscutível quanto o crescimento desse gênero musical contribuiu para a indústria fonográfica. Trouxe inovações musicais, tecnológicas, ideológicas e quebrou paradigmas em diversas áreas.

Não podemos deixar de citar o início do século 21 como uma grande fábrica de clássicos, a era dos home studios; a popularização das DAWs (Digital Audio Workstations) fez crescer exponencialmente o número de pequenos produtores musicais e esse fato deve-se à grande explosão dos anos 1980, em que diversos recursos foram apresentados ao mundo, como mesas de som digitais, racks de efeitos, instrumentos antes desconhecidos no país, fazendo com que os adolescentes da época, que nos anos 2000 já eram adultos, nutrissem essa sede musical que viria a desencadear um novo movimento do rock nacional nos anos 2000.

Referências

BARREIROS, Carlos Rogério Duarte. A hora e a vez do rock brasileiro. **Cadernos de Pós-graduação em Letras**, São Paulo, v. 6, n. 1, 2006.

BUSCACIO, Gabriela Cordeiro. O campo artístico brasileiro na redemocratização política – MPB e Rock Nacional. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 27., 2013, Natal – RN. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364911173_ARQUIVO_Ocampoartisticobrasileironaredemocratizacaopolitica.pdf. Acesso em: 01 nov. 2022.

DAPIEVE, Arthur, **BRock**: o rock brasileiro dos anos 80. 5. ed. São Paulo: Ed. 34, 1995.

FRAGA, Danilo. O beat e o bit do rock brasileiro: internet, indústria fonográfica e a formação de um circuito médio para o rock no Brasil. **E-Compós**, Brasília, v. 9, 2007. <https://doi.org/10.30962/ec.173>. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/173>. Acesso em: 01 nov. 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MAGI, Érica Ribeiro. Fora dos palcos: relações entre o rock brasileiro e a crítica musical nos anos 80. *In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA*, 19., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH (Seção São Paulo), 2008.

NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975-1982). **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10532>. Acesso em: 1.º nov. 2022.

GÓIS, Frederico Nicholson Faustino. **Rock brasileiro da década de 70**: resgate de uma história via internet. 2012. 74 f. TCC (Graduação em Comunicação Social) — UFRGS, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/67636>. Acesso em: 1.º nov. 2022.

OLIVEIRA, Thomas Chaves de Andrade. **Modelagem computacional de amplificadores valvulados**. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica) — Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 4, ago. 1995.

ROCHA, Antonio Marcelio Ferreira. **A produção do rock brasileiro dos anos 1980**. 2016. TCC (Bacharelado em Produção Cultural) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RIBEIRO, Júlio Naves. **Lugar Nenhum ou Bora Bora?** Narrativas do rock brasileiro anos 80. São Paulo: Annablume, 2009. 204 p.

SALDANHA, Rafael Machado. Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar: os anos 90 e o rock no Brasil. *In: SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE*, 11., 2006, Ribeirão Preto – SP. **Anais [...]**. Ribeirão Preto – SP: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom Sudeste, 2006. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/46083499543338263162249303576730423263.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2022.

SILVA, Jorge Guimarães. **História da gravação sonora**. Disponível em: <http://telefonica.no.sapo.pt/record.htm>. Acesso em: 19 out. 2022.

VICENTE, Eduardo. Indústria da música ou indústria do disco? **Revista Rumores**, São Paulo, v. 6, n. 12, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/55300>. Acesso em: 4 nov. 2022.

ZAN, José Roberto. Jovem Guarda: música popular e cultura de consumo no Brasil dos anos 60. **Música Popular em Revista**, Campinas, v. 2, n. 1, 2013.